

A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM DE BABAÇULÂNDIA - TO COM A CONSTRUÇÃO DA USINA HIDRELÉTRICA DE ESTREITO (UHE)

 <https://doi.org/10.56238/arev7n1-249>

Data de submissão: 30/12/2024

Data de publicação: 30/01/2025

Aires José Pereira

É professor Associado II no curso de geografia e no Mestrado em Gestão e Tecnologia Ambiental da UFR
E-mail: aires@ufr.edu.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7707-1187>

Layane Mota Soares

É graduada em Geografia pela UFT – Campus de Araguaína
E-mail: motasoareslayane@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1287-0800>

Roberto de Souza Santos

É Professor Titular do curso de Geografia e do PPGE da UFT – Porto Nacional
E-mail: robertosantos@mail.uft.edu.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4373-6443>

Luís Otávio Bau Macedo

Professor do curso Ciências Econômicas e do Mestrado em Gestão e Tecnologia Ambiental da UFR
E-mail: luis.otavio@ufr.edu.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2002-5366>

RESUMO

É preocupação deste artigo mostrar a transformação que o espaço geográfico de Babaçulândia sofreu com a instalação da Hidrelétrica do Estreito, Maranhão. A área escolhida e delimitada para o desenvolvimento deste estudo reúne, por assim dizer, várias modificações da paisagem decorrentes da instalação da Hidrelétrica do Estreito. A cidade de Babaçulândia e toda sua comunidade sofreram bastante com essas fortes metamorfoses. Estudar a questão da qualidade de vida dos moradores em torno da cidade de Babaçulândia, que sofrem diretamente com a transformação de sua paisagem original, é uma das nossas pretensões mais importantes para serem mostradas neste artigo. A escolha da temática deu-se através de várias observações e indagações direcionadas à esta questão, que reflete em toda a comunidade da cidade de Babaçulândia - TO. Com isso, esta pesquisa tem o propósito de evidenciar as principais modificações da paisagem de um dado espaço com a instalação de uma usina hidrelétrica a nível global, regional e local, fazendo com que a comunidade da área em estudo venha conhecer a realidade desse assunto e suas consequências maléficas e benéficas para todos.

Palavras-chave: Transformação da Paisagem. Babaçulândia – TO. Usina de Estreito.

1 INTRODUÇÃO

O município de Babaçulândia está localizado acima do paralelo 13 e situado à margem esquerda do rio Tocantins, tendo como limites, a leste o Estado do Maranhão, a oeste Araguaína, ao sul Filadélfia e ao norte Wanderlândia e Darcinópolis. O município de Babaçulândia, atualmente possui 1,883,5 km² e uma população de 10.329 habitantes.

De acordo com o Manual Biogeográfico do Município de Babaçulândia sua povoação data de junho de 1926 com a Vila da Nova Aurora do Coco, à margem esquerda do rio Tocantins, quando Henrique Figueiredo de Brito, ali se estabeleceu com um pequeno comércio, construindo a primeira casa de telha, e iniciando, assim, o povoado pertencente à Boa Vista do distrito e pelo Decreto Lei nº 557 de 30 de março de 1938 com o topônimo de Babaçulândia. Por força da Lei Estadual de nº 741, de 23 de junho de 1953, foi elevado à categoria de município, solenemente instalado no primeiro dia de janeiro de 1954.

Ainda, de acordo com o Manual Biogeográfico do Município de Babaçulândia, embora tenha sua história registrada desde 1926, tomou ares de cidade e agitado progresso, na década de cinquenta, pois a navegação nesta época estava em pleno vapor, fazendo as viagens do porto de Babaçulândia à Marabá, chegando até Belém, onde traziam querosene e outros produtos industrializados. E de Babaçulândia levavam a fibra da malva, a amêndoas e o óleo do babaçu.

É preocupação desse trabalho mostrar a transformação que o espaço geográfico de Babaçulândia sofreu com a instalação da Hidrelétrica do Estreito Maranhão e suas íntimas relações com o processo de crescimento desordenado dessa cidade.

A área escolhida e delimitada para o desenvolvimento deste estudo reúne, por assim dizer, várias modificações da paisagem decorrentes da instalação da Hidrelétrica do Estreito. A cidade de Babaçulândia e toda sua comunidade sofreram bastante com essas fortes metamorfoses.

Estudar a questão da qualidade de vida dos moradores em torno da cidade de Babaçulândia, que sofrem diretamente com a transformação de sua paisagem original, é uma das nossas pretensões científicas mais importantes para serem mostradas neste trabalho.

Conforme o tema abordado, pode-se observar que a preocupação com meio ambiente no Brasil, realmente é um problema de falta de planejamento e sensibilização de todos os atores de uma dada sociedade. O motivo que levou ao estudo deste tema foi alavancado relativamente pela curiosidade de entender e explicar essa dinâmica da modificação da paisagem em toda a cidade de Babaçulândia.

Então, a escolha da temática deu-se através de várias observações e indagações direcionadas à esta questão, que reflete em toda a comunidade da cidade de Babaçulândia - TO.

A importância deste estudo é conhecer e estudar o processo dinamizador dos aspectos maléficos e benéficas na paisagem no período antes e no período depois da instalação da hidrelétrica do Estreito na cidade de Babaçulândia.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa empírica e bibliográfica, realizada através de revisão bibliográfica, visitas, entrevistas e registros fotográficos na área de investigação, no período de 2014 a 2016.

Com isso, esta pesquisa tem o propósito de evidenciar as principais modificações da paisagem natural de um dado espaço com a instalação de uma usina hidrelétrica a nível global, regional e local; fazendo com que a comunidade da área em estudo venha conhecer a realidade desse assunto e suas consequências maléficas e benéficas para todos. Sendo assim, este município poderá reivindicar seus direitos, através de críticas construtivas, perante o poder público municipal.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Quanto maior a escala dos empreendimentos humanos, maior a velocidade das transformações e mais marcantes se tornam. Muitas vezes, novas paisagens são formadas sem que seja considerada a história do lugar, as características do ambiente ou a sua importância para a população. A formação do imenso lago de Babaçulândia, ocupando locais onde existiam plantações, exerceu grande impacto à população, principalmente nas famílias ribeirinhas, que tiravam seus sustentos do rio e de suas pequenas plantações. Em contrapartida, o lago de Babaçulândia, tornou-se também um lugar de turismo de massa.

Segundo dados do Plano Nacional de Energia Elétrica (PNEE, 1995), a geração de energia elétrica é umas das principais necessidades do mundo moderno, sendo suprida na maior parte do mundo com a relativa tranquilidade das termelétricas a carvão mineral e a petróleo. Surge como alternativa, a partir de 1885 nos EUA a utilização de energia elétrica, como método mais limpo, assim diz os especialistas em energia. De acordo com Mc CULLY (2005, p.45), “[...] calcula-se que atualmente 60% dos rios do mundo estão represados, mais de 80 milhões de pessoas de diversas regiões da terra, foram desalojadas pelas construções de projetos hidrelétricos e ecossistemas inteiros perdidos com mais de 45 mil hidrelétricas no mundo”. Nesse contexto Santos comenta que:

Se os problemas a serem simples, os tomadores de decisão podem escolher dentre as alternativas por meio de um processo não estruturado, pela simples avaliação das informações. No entanto, quando os problemas são complexos existem muitos agentes e atores envolvidos e diversos pontos de vista a sistematização das respostas é fundamental (SANTOS, 2004 p. 153).

Vale ressaltar que o direito a uma vida de qualidade é constitucionalmente assegurado a todos, tanto na Constituição Federal como pela Conferência de Estocolmo e pela Carta da Terra, todos documentos que visam à sustentabilidade do meio ambiente e a qualidade de vida da população. Philippi Jr e Alves (2004, p. 27) lembram-nos que:

[...] O direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado pode ser considerado como uma extensão do direito à vida quer seja enfocado a existência física e saúde humana, quer seja enfocando a dignidade desta existência, ou seja, a qualidade de vida proporcionada. O meio ambiente é direito fundamental conforme o artigo 225 capítulos VI da Constituição de 1988 e o 1º princípio da Conferência de Estocolmo de janeiro de 1992 e está reafirmado no 4º Princípio da Carta da Terra de 1997. [...]

As diferenças existem em todas as partes do planeta, sendo percebidas nos costumes, tradições, danças, modos alimentares, maneiras de se vestir, falar, religiões e nos níveis técnico-científicos-informacionais entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Compreende-se também que a consecução da Hidrelétrica de Estreito interferiu na forma de vida da população. Cabe aqui analisar uma frase de Gonçalves (2005, p. 127), que está assim formulada: “Na verdade o que ocorre é que não se respeita as diferenças entre os modos de vida que caracteriza cada povo-cultural”, ficando difícil, assim, a população ter uma vida igualitária e digna.

Nesse sentido, podemos salientar que tudo isso que ocorreu em Babaçulândia sobre a modificação de sua paisagem, foi devido à globalização, que atinge as diversas esferas da sociedade. Percebe que esta restringe as condições de vida de inúmeros moradores de áreas rurais no país e no mundo. Pois o desenvolvimento pregado em seu discurso não alcança a todos, mas deixa gente à mercê do processo do desenvolvimento. A esse respeito HAESBAERT, tece o seguinte comentário:

O capitalismo globalizado vem acompanhado de um processo de exclusão sócio espacial que faz com que uma massa cada vez maior de pessoas fique à margem das benesses do sistema econômico, sem opção nem mesmo para mudar de local em busca de melhores condições de sobrevivências. (HAESBAERT, 2006, p. 256).

Podemos ressaltar que no momento que essas pessoas são obrigadas a sair do lugar onde vivem, não perdem só suas casas e bens materiais, perdem também suas razões, as quais dão sentido às suas vidas, laços de antigas amizades. Eles vão para um mundo totalmente diferente de tudo o que estão acostumados. Neste sentido BOSI comenta:

Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito sem o trabalho da reflexão e da localidade, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição. (BOSI, 1983 p. 81).

Ainda incluindo com os laços afetivos criados com o lugar onde se vive BOSI, considera que:

Não basta um esforço abstrato para recriar impressões que acompanham a impossibilidade. Perdeu-se o tônus vital que acompanha aquelas sensações, aquela captação do mundo. Quando passamos na mesma calçada, junto ao mesmo muro, o ruído da chuva nas folhas nos desperta alguma coisa. Mas a sensação polida de agora é uma reminiscência da alegria de outrora. Esta sombra tem algo parecido com a alegria, tem o seu contorno em outra emoção. (BOSI, 1983, p. 84).

Portanto, espera-se que com esse trabalho, possa reforçar os estudos que acompanham as transformações geradas pela opção em produzir energia elétrica por meio da utilização da água, analisando como a população e o poder público tem aproveitado ou não os feitos positivos da Usina Hidrelétrica de Estreito e como lidam com as consequências deixadas por esse empreendimento.

2.1 CONCEITO DE PAISAGEM

De acordo com Maximiano 2002, a noção de paisagem está presente na memória do ser humano antes mesmo da elaboração do conceito. A ideia embrionária já existia baseada na observação do meio. As expressões desta memória e da observação podem ser encontradas nas artes e nas ciências das diversas culturas, que retratavam inicialmente, elementos particulares como animais selvagens, um conjunto de montanhas ou um rio. As pinturas rupestres são uma referência para esta percepção direcionada a alguns componentes do ambiente.

Nesse sentido, podemos ressaltar que o conhecimento sobre a paisagem pode ser encontrado em todos os aspectos da vida humana, ou seja, nos elementos materiais e concretos. A esse respeito sobre o conceito de paisagem Maximiano (2002) comenta:

Entre os geógrafos há um consenso de que a paisagem, embora tenha sido estudada sob ênfases diferenciadas, resulta da relação dinâmica de elementos físicos, biológicos e antrópicos. E que ela não é apenas um fato natural, mas inclui a existência humana. (MAXIMIANO, 2002).

Neste aspecto, o autor salienta que o conceito de paisagem está ligado diretamente com as ações humanas sobre o ambiente onde cada um vive.

Existem vários elementos conceituais sobre os quais nós podemos melhor observar e compreender o espaço geográfico e suas inúmeras formas de análise. Um dos elementos mais importantes nesse ínterim é o conceito de paisagem, que representa um dos aspectos mais notórios e necessários para a compreensão do mundo em que vivemos.

Na Geografia destaca-se o norte-americano Carl Sauer, com sua obra intitulada *The Morphology of Landscape*, de 1925, onde este utiliza o termo paisagem para estabelecer o conceito

unitário da Geografia, considerada como sendo uma fenomenologia das paisagens. Sauer, na sua obra supracitada, foi um dos primeiros geógrafos a tratar a geografia de maneira integrada, privilegiando, ao mesmo tempo, os fatores naturais e sociais, inserindo a compreensão da categoria paisagem como elo integrador desses fatores. Dessa maneira, Sauer (1925 apud CORRÊA, 1998, p.13) define a paisagem como sendo:

Uma área composta por associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais, onde sua estrutura e função são determinadas por formas integrantes e dependentes, ou seja, a paisagem corresponde a um organismo complexo, feito pela associação específica de formas e apreendido pela análise morfológica, ressaltando que se trata de uma interdependência entre esses diversos constituintes, e não de uma simples adição, e que se torna conveniente considerar o papel do tempo.

Nesse sentido, pode-se ressaltar que o autor relata que a paisagem é, pois, os aspectos perceptíveis do espaço geográfico, isto é, a forma como compreendemos o mundo a partir de nossos sentidos, tais como a visão, o olfato, o paladar, entre outros. É claro que a visão é, geralmente, o mais preponderante dos sentidos quando falamos em compreensão da paisagem, porém não é o único, de forma que podemos perceber o espaço também pelos seus cheiros, sons, sabores e aspectos externos.

Assim, podemos entender o conceito de paisagem de várias formas, “paisagem não é o mesmo que espaço geográfico, mas pode ser compreendida como uma manifestação deste. O espaço é o objeto de estudo da geografia, enquanto a paisagem poderia ser entendida como uma medida multidimensional de compreensão de um lugar”. (MAXIMIANO, 2002).

Entende-se, que a análise da modificação da paisagem na cidade de Babaçulândia permite-nos verificar as diferentes dinâmicas concernentes ao funcionamento da localidade em estudo, pois ela revela ou omite informações, de forma a denunciar as características econômicas, políticas e culturais que estruturam o processo de formação e organização do espaço social. Afinal de contas, o espaço geográfico é o resultado de uma complexa interação entre sociedade e a sua paisagem.

É interessante observar que as paisagens apresentam aspectos e elementos referentes ao presente e ao passado, que muitas vezes convivem em um mesmo espaço. Se observarmos, por exemplo, a paisagem de uma cidade histórica, podemos notar elementos do passado que foram conservados em conjunto com aspectos do presente ou que surgiram em tempos mais recentes. Assim, é possível comparar essas paisagens e observar ao menos algumas de suas principais características, como a sua arquitetura, estilos culturais e outros.

Além do mais, a paisagem carrega consigo aspectos naturais e também aspectos culturais ou humanizados. Quando uma determinada área é formada apenas pelos elementos da natureza, falamos

de uma paisagem natural, mas quando ela apresenta alguma intervenção humana, então falamos de paisagem cultural, também chamada de “paisagem humanizada” ou de “paisagem geográfica”.

Uma área de floresta com rios, cachoeiras e animais silvestres constitui um exemplo de paisagem natural. Já a área de uma cidade ou um campo de cultivo agrícola são exemplos de paisagens culturais. Em muitos casos, é possível observar cenários em que os dois tipos se apresentam conjuntamente, o que representa, ao menos em tese, um equilíbrio entre natureza e sociedade. Ainda se tratando do conceito de paisagem o arquiteto KOTLER (1976), em artigo sobre paisagem, faz referência à definição de outros campos de trabalho:

Para o sociólogo ou o economista, paisagem é à base do meio físico, onde o homem em coletividade a utiliza, ou não, e a transforma segundo diferentes critérios. Para o botânico ou ecólogo, a paisagem significa, antes de qualquer coisa, um conjunto de organismos num meio físico, cujas propriedades podem ser explicadas segundo leis ou modelos, com ajuda das ciências físicas e ou biológicas.

Diante de tudo o que foi exposto, acredita-se que o conceito de paisagem passou por diversas correntes e abordagens, e ao longo do tempo foi se adaptando às novas formas e funcionalidades, propondo novos estudos. Em consequência, a mesma é repensada não apenas como resultado material de interações, mas com uma nova maneira de olhar a paisagem. Perante isso, Bertrand (1972 apud OLIVEIRA, 1998, p. 63), entende que a paisagem é:

Resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução, numa porção do espaço, tem-se que pensar em normas legais que contemplem tanto o complexo dos elementos naturais, quanto o de elementos construídos, ou ainda, de ambos, considerados na sua dinâmica e identificados, como patrimônio paisagístico da coletividade.

Segundo o divulgado acima, a paisagem é um resultado de forças naturais e humanas que constitui um fato físico e cultural, os quais estão interligados no espaço em um determinado período (tempo), entendendo esse resultado como o produto e não como uma imagem. Deve ser entendida também como uma estrutura morfológica determinada, que pode ser mensurada, quantificada e qualificada.

Desse modo, pode-se relatar que o conceito de paisagem é de suma relevância para entendemos o tema em pauta, onde uma das maiores discussões apresentada nesta seção foi a transformação da paisagem da cidade de Babaçulândia ocorrida pela instalação da Hidrelétrica do Estreito. Muitos moradores relataram a grande mudança que ocorreu na cidade, como por exemplo: o enchimento do lago, árvores foram cortadas e muitas casas demolidas.

3 TRANSFORMAÇÕES REALIZADAS NA PAISAGEM DE BABÇULÂNDIA – TO – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesse sentido de modificação da paisagem em Babaçulândia, pode-se ressaltar que esse elemento natural foi totalmente transformado pela instalação da Hidrelétrica do Estreito, e muitos moradores dessa cidade tiveram suas vidas mudadas em decorrência do empreendimento, onde muitos relatam o sofrimento quando veem suas casas sendo demolidas e várias árvores nativas foram cortadas para o enchimento do lago.

Podemos relatar que através das entrevistas realizadas com algumas pessoas da cidade de Babaçulândia, devemos salientar que a maioria delas sentem saudades da paisagem antiga, ou seja, o retrato da cidade antes do enchimento do lago, decorrente da instalação da Hidrelétrica do Estreito.

Depois de realizada a pesquisa *in locus*, sistematizou-se os dados coletados em forma de tabela explicativa para melhor entendimento dos leitores.

A tabela 1 refere-se ao sexo, idade e quantas pessoas foram entrevistadas, onde chama-nos a atenção o sentimentalismo da população local com o lugar, principalmente a comunidade mais velha, onde de acordo com a tabela foram entrevistadas 20 pessoas, com uma faixa etária entre 30 e 70 anos de idade, sendo 20 pessoas do sexo feminino e 20 pessoas do sexo masculino. Podendo explicar assim, a tristeza de muitos moradores que deixaram o lugar onde foi construída a maior parte de sua história.

Com os dados coletados, podemos enfatizar que a maioria das pessoas entrevistadas relatou que tem um sentimento de inconformidade tão grande da perda da paisagem de antes e de terem saído de suas antigas moradias. Alguns acreditam que ao terem saído de seu lugar de origem, ficou ali um sentimento de total angústia e tristeza, pois para aqueles que têm mais de 45 anos de idade não conseguiram imaginar viverem em outro lugar. Muitos ainda reclamaram dos valores das indenizações pagas pelo consórcio CESTE, pois os mesmos afirmaram que o valor pago não foi justo e não deram para comprar uma moradia digna; outros afirmaram que nada paga a tranquilidade que tinha na cidade antes do enchimento do lago, onde reclamam que atualmente a violência na cidade aumentou consideravelmente e o roubo em residências.

Algumas pessoas entre 30 anos e 35 anos, salientaram que de certa forma sua saída da cidade teve um aspecto positivo, pois muitos encontram possibilidades de melhores estudos e trabalhos. Isso no caso de alguns entrevistados que atualmente moram e trabalham na cidade de Araguaína. Mas os mesmos afirmam que todos os finais de semanas retornam para visitar os familiares que ali ficaram. Tudo isso significa dizer que, apesar de eles terem ido embora para outra cidade (no caso específico, Araguaína) a procura de oportunidades de emprego e de sobrevivência, etc, sempre voltam às suas

raízes. Voltam ao seu lugar. Voltam ao aconchego de seu lar. Eles retornam para rever familiares, amigos e a essência de suas vidas, o lugar onde foram criados.

Figura 1: Tabela 1: Idade, sexo e quantidades dos entrevistados

IDADE	SEXO	QUANTIDADE DE ENTREVISTADOS
30	Masculino	E1
42	Feminino	E2
58	Feminino	E3
35	Masculino	E4
30	Feminino	E5
47	Masculino	E6
54	Masculino	E7
70	Masculino	E8
58	Feminino	E9
34	Feminino	E10
39	Masculino	E11
42	Masculino	E12
55	Feminino	E13
59	Feminino	E14
52	Masculino	E15
62	Masculino	E16
70	Feminino	E17
35	Masculino	E18
46	Feminino	E19
38	Feminino	E20

Fonte: SOARES, Layane Mota. Entrevista realizada em maio e junho de 2016.

Por sua vez, Dona Petrolina Dias da Conceição (Dona Peda) nos contou que morava na Região do Jatobá, município de Babaçulândia, ela saía com sua irmã de canoa para o Povoado Palmatuba (Garrancho), onde iam fazer compras diversas para toda a família. Ela relatou que saíam de casa às 5 horas da manhã e chegavam ao povoado Garrancho ao meio-dia. Enfatizou que não sentiam preguiça, pois ali faziam as compras e visitavam amigos e parentes, retornavam para casa por volta de 1 hora da tarde e chegavam à sua casa só por volta das 7 horas da noite. Dona Peda nos falou que achava muito linda a paisagem do Rio Tocantins, com suas águas limpas e transparentes, gostava de pescar e tomar banho naquelas águas. Na atualidade, ela nunca mais visitou a orla e nem a praia artificial, pois diz com o coração partido, que a vida dela não tem mais sentido sem a casa que ela tinha, onde criou seus 13 filhos. Atualmente ela vive na cidade de Araguaína na companhia de sua irmã que era parceira de canoa. Ela ainda relatou que hoje a tristeza é sua companheira, que tem medo de não aguentar muito tempo, pelo motivo de morar fora de Babaçulândia.

Em outra conversa com uma moradora da cidade de Babaçulândia, podemos relatar que poucas pessoas foram beneficiadas com as indenizações da barragem e outras foram prejudicadas, não recebendo os valores reais de acordo o combinado entre as partes. Além disso, muitos problemas

surgiram na vida pacata da cidade, onde a criminalidade aumentou e um grande desconforto climático se instalou devido ao enchimento do lago.

Outros entrevistados falam que um dos principais pontos negativos com o enchimento do lago foi que a maioria da comunidade morava na beira do rio, onde deixaram de plantar suas roças e vazantes, que era o meio principal de subsistência familiar.

Muitos dos entrevistados enfatizaram que a antiga paisagem da Praia do Coco era mais linda e agradável do que a da praia artificial, pois as pessoas falaram que não podemos comparar uma coisa natural com uma coisa modificada pela a mão do ser humano.

Fotografia 1: Avenida Ladeira para a antiga praia Babaçulândia, antes do enchimento do lago



Fonte: MOTA, Layane Soares. Pesquisa de campo realizada em março de 2016.

Alguns moradores falaram que a orla não é bem aproveitada pelas pessoas da localidade, ela tem que ter mais segurança para os visitantes, mais área de lazer para as crianças, como *playground* e parquinho com brinquedos diversos. Outros relataram que a orla é muito boa, pois melhorou o desempenho econômico da localidade, dando muitas oportunidades para novos empreendimentos como restaurantes, bares e pousadas na margem da orla.

Quando perguntamos para a maioria das pessoas entrevistadas em relação à praia artificial, os mesmos responderam que a Praia do Coco, as Ilhas do Bote e São José eram verdadeiras paisagens em relação à nova praia. Segundo os entrevistados, elas faziam parte de suas vidas e de suas histórias, a água era limpa e gostosa para tomar banho, e atualmente muitas pessoas reclamam da sujeira na água da nova praia e dos ataques constantes de piranha.

Fotografia 2: Avenida ladeira para a antiga praia Babaçulândia, depois do enchimento do lago



Fonte: MOTA, Layane Soares. Pesquisa de campo realizada em março de 2016.

Esse é apenas um resumo, pois foi a história de quase a totalidade dos moradores de Babaçulândia. Boa parte foi morar em Araguaína, ou para o centro de Babaçulândia, outros mudaram para áreas rurais, onde tinham mais facilidades de se autossustentarem.

Fotografia 3: Praça João de Deus, antes do enchimento do lago



Fonte: MOTA, Layane Soares. Pesquisa de campo realizada em março de 2016.

Nesse momento vale enfatizar que no percurso até sua escola você observa elementos como: ruas, casas, edifícios, árvores, pessoas, animais entre outros, que nada mais são que uma paisagem.

A paisagem pode ser constituída por elementos naturais (os rios, as árvores, plantas, o mar, as estrelas etc.) ou construída pelo homem (as casas, os edifícios, as estradas, etc.).

Através de todas essas indagações sobre modificações na paisagem, é de suma relevância salientar sobre as principais transformações que ocorreram na paisagem de Babaçulândia, com a instalação da Hidrelétrica do Estreito. Como demonstra as fotografias 1 e 2.

As paisagens são constantemente modificadas. Essas modificações podem ser de ordem natural (terremotos, maremotos, furações, entre outros) ou de ordem humana (florestas desmatadas, pontes e viadutos construídos, demolição e reconstrução de edifícios).

Modificações nas paisagens também estão relacionadas com novas descobertas realizadas pelo homem e com a busca incessante de avanços tecnológicos que podem beneficiar suas vidas.

Com essas duas fotos pode-se observar o antes e o depois da Avenida que dava acesso à antiga beira rio da praia de Babaçulândia. Podemos observar através dessas duas fotografias a grande discrepância entre ambas. Muitas pessoas desciam e subiam nessa avenida que dava acesso à antiga Praia natural de Babaçulândia, esse local servia de ponto de encontro nos fins de tarde para o bate papo entre os amigos.

Fotografia 4: Praça João de Deus, depois do enchimento do lago



Fonte: MOTA, Layane Soares. Pesquisa de campo realizada em março de 2016.

Outro exemplo de modificação na paisagem de Babaçulândia pode-se observar nas fotografias 3 e 4. Através das fotografias 3 e 4, podemos perceber a grande diferença na paisagem: numa vemos a principal praça da cidade antes do enchimento do lago, na outra vemos a mesma praça, mais ao fundo já podemos contemplar o lago já cheio.

Nesse sentido na busca por um maior conforto, progresso ou simples vantagem econômica, o ser humano acaba por realocar os recursos naturais, mudando as configurações do ambiente em que vive. Isso se dá através de atividades como o corte de árvores, o tratamento do solo, criação de animais domésticos, a construção de edifícios, estradas asfaltadas, perfuração de montanhas para a abertura de minas ou túneis, ou ainda o lançamento de resíduos orgânicos e industriais no ar, rios e mares. Com essas e outras modificações, temos a paisagem geográfica que nos rodeia, misto de elementos naturais e processados. Outro exemplo de modificação na paisagem de Babaçulândia pode-se notar nas fotografias 5 e 6.

Fotografia 5: Vista panorâmica de Babaçulândia, antes do enchimento do lago



Fonte: MOTA, Layane Soares. Pesquisa de campo realizada em março de 2016.

Através de tudo isso, a paisagem, em sentido geral, é toda porção de terreno contemplada de uma perspectiva natural ou estética. Para a ciência geográfica, porém, o termo tem significação específica e refere-se ao próprio objeto da geografia.

Fotografia 6: Vista panorâmica de Babaçulândia, depois do enchimento do lago



Fonte: MOTA, Layane Soares. Pesquisa de campo realizada em março de 2016.

Nesse sentido científico, paisagem é o resultado da combinação, num dado território, dos elementos físicos, biológicos e humanos que constituem sua unidade orgânica e se encontram estreitamente relacionados. Para muitos autores, o objeto da ciência geográfica é o estudo das paisagens terrestres em sua estrutura, gênese e função. A geografia geral estuda e classifica os diversos tipos de paisagem da superfície terrestre. Na fotografia 6, podemos notar uma bela paisagem que foi modificada na cidade, onde temos boa parte da orla e da praia artificial de Babaçulândia. Atualmente essa paisagem é um dos principais cartões postais e turísticos da localidade.

Fotografia 7: Vista do Hotel Beira Rio antes do enchimento do lago



Fonte: Documentário Memórias de Babaçulândia, 2011.

Com isso, é válido enfatizar que todas essas mudanças na paisagem de Babaçulândia foram realizadas com a implementação da Hidrelétrica do Estreito, onde muitos moradores tiveram que abandonar suas casas e ir morarem em outros lugares.

Fotografia 8: Vista da ladeira que dava acesso a Praia de Babaçulândia antes do enchimento do lago



Fonte: Documentário Memórias de Babaçulândia, 2011.

Para reforçar as indagações acima citadas sobre a transformação da paisagem original na área urbana de Babaçulândia, pode-se observar nas figuras 7, 8 e 9.

No desempenho de suas atividades econômicas, o homem modifica o ambiente em que vive: corta ou planta árvores, ara terras, constrói edifícios e caminhos, perfura montanhas para abrir túneis ou minas, lança resíduos orgânicos e industriais na atmosfera, nos rios e no mar, canaliza as águas superficiais. O resultado de tudo isso é a paisagem geográfica, síntese dos elementos naturais e da ação transformadora dos seres humanos.

A beira rio era um dos pontos mais movimentados da cidade de Babaçulândia, antes do enchimento do lago, haviam alguns bares e um hotel às margens do rio, onde dava acesso à praia natural da cidade. Muitas pessoas sentem falta desse lugar, muitas crianças iam lá para banhar, enquanto suas mães lavavam as roupas de toda a família no rio.

Fotografia 9: Vista da Rua Humberto de Campos, que dava acesso a Praia de Babaçulândia antes do enchimento do lago



Fonte: Documentário Memórias de Babaçulândia, 2011.

Como mostra na fotografia 9, observa-se a Rua Humberto de Campos. Essa rua era bastante movimentada, tinha alguns comércios importantes, uma das maiores escolas estaduais da cidade de Babaçulândia e dava acesso direto ao porto dos barcos na beira do rio.

Portanto, o grau mais alto de humanização da paisagem é atingido na cidade, onde a transformação cultural é quase absoluta. As paisagens rurais, muito diferentes, são qualificadas pelos usos agrícolas, pecuários e florestais do território, assim como por outros fatores de caráter econômico (estradas, ferrovias, minas e indústrias). As paisagens em que a ação do homem não se impõe de forma determinante sobre o meio são predominantemente naturais, como as matas e pradarias, cuja conservação inclui o aproveitamento racional dos recursos, ou as estepes e tundras, territórios de escasso valor econômico.

4 A MODIFICAÇÃO DA PAISAGEM NO CONTEXTO DIDÁTICO

Nesse ponto, é de suma relevância as escolas estaduais e municipais de Babaçulândia, levarem seus alunos aos principais pontos de modificação da paisagem local decorrente da instalação da Hidrelétrica do Estreito, para que os alunos possam perceber a dinâmica transformadora da ação do homem em um determinado local e espaço.

Em aparência educacional, segundo Rose (1996), o exemplo mais ordenado de como um tipo particular de conhecimento geográfico recobre um tipo específico de visualização do mundo é, provavelmente, o campo de trabalho, criticamente explorado pela noção de paisagem.

Individualmente, os geógrafos têm focado diferentes formas de considerar os espaços, as regiões e as paisagens, que envolvem recursos de fotografias, de materiais publicitários e promocionais e de vídeo, como programas realizados para a televisão ou para o cinema.

Segundo Matias (2005), ao avaliar a abrangência das novas tecnologias na realidade da geografia escolar, como auxílio para a percepção e interpretação das paisagens: “a imagem para a geografia é essencial”.

Se, por um lado, um dos recursos visuais mais formidáveis da geografia são os mapas, pois através deles nos localizamos, nos orientamos e constatamos a distribuição espacial dos elementos geográficos, por outro lado, os sítios de repositório de imagens podem ser bastante úteis para abordagens de ensino relacionadas à percepção e à interpretação das imagens.

Nesse sentido, citamos algumas das ferramentas que podem ser utilizadas: photosearch.com, gettyimage.com, trekearth.com e flickr.com. Em outro momento, Matias (2006) indica que as imagens podem funcionar como uma chave para o pensamento crítico sobre o espaço. Nesse sentido, sugere que mapas, gráficos e fotografias aéreas, entre outros, são instrumentos para os profissionais da geografia e para os educandos.

São através delas que examinamos fatos, acontecimentos, eventos geográficos, conduzimos informações e concebemos a superfície terrestre. Assim, comprehende que “as novas tecnologias são recursos do nosso tempo que podem ser empregados de forma inovadora na mediação entre ensino e aprendizagem”. Mas ele adverte que “o grande desafio da Internet, para quem a utiliza como ferramenta educacional, é saber lidar com a informação on-line. Para superar esse fato, é necessário criar mecanismos para saber pesquisar, selecionar, tratar e processar a informação”.

Por fim, é oportuno lembrar uma proposição de Matias (2005), “entre as contribuições da informática frequentemente enfatizadas por alguns especialistas na área de informática educativa, está a de favorecer o trabalho do professor, enriquecendo e diversificando a sua forma de encaminhar o processo de ensino-aprendizagem”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contato direto com os moradores da cidade de Babaçulândia, referente ao objeto de estudo, fez-nos conhecer qual é a expectativa da população local. De modo geral, as pessoas que residem na região sentem muitas saudades das antigas paisagens da localidade.

Quanto maior a escala dos empreendimentos humanos, maior a velocidade das transformações e mais marcantes se tornam. Muitas vezes, novas paisagens são formadas sem que seja considerada a história do lugar, as características do ambiente ou a sua importância para a população. A formação desse imenso lago, em locais onde existiam plantações, exerceu grande impacto à população, principalmente nas famílias ribeirinhas, que tiravam seus sustentos do rio e de suas pequenas plantações. Em contrapartida, o lago de Babaçulândia, tornou-se também um lugar de turismo de massa.

Antes, só era possível ter esse turismo nas épocas de férias (junho, julho e agosto), quando as praias surgiam, e era nessa época que a maioria da população tirava seu sustento, colocavam barracas do outro lado do rio, onde as areias da praia surgiam, vendiam bebidas e comidas típicas da cidade. E quem tinha seus barquinhos também trabalhava no período de praia, levava os turistas e a poluição para o outro lado do rio com destino à praia.

Após a barragem, construíram uma praia artificial, e na mesma construíram pequenas lanchonetes, e em toda a extensão da orla. Essas lanchonetes foram distribuídas às famílias que colocavam as barracas no período de férias na praia. Algumas dessas famílias recusaram, então, ficou à disposição daqueles que queriam um estabelecimento para trabalhar, só podem dispor dessas lanchonetes pessoas que comprovem que não têm outra renda fixa.

Espera-se com esse trabalho, reforçar os estudos que acompanham as transformações geradas pela opção em produzir energia elétrica por meio da utilização da água, analisando como a população e o poder público tem aproveitado ou não os feitos positivos da Usina Hidrelétrica de Estreito e como lidam com as consequências deixadas por esse empreendimento.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Eclé. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Hucitec, 1983.
- Constituição Federal da República Federativa do Brasil. Senado Federal Subsecretaria de Edições Técnicas, Brasília, 1988.
- GONÇALVEZ, Carlos Walter Porto. Os (dez) Caminhos do Meio Ambiente. 12. ed.- São Paulo: Contexto, 2005.
- HAESBAERT, Rogerio. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidades. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- KOTLER, U. Paisagem – uma definição ambígua. C.J. Arquitetura: Revista de arquitetura, planejamento e construção. Rio de Janeiro: FC Editora, n. 12, ano 3, 1976.
- LUZ, Eneida Arruda. Histórico Biogeográfico do Município de Babaçulândia. 2003.
- MATIAS, V.R.S. Implicações das novas tecnologias na educação geográfica: para quem? e para que? Caminhos de Geografia, 22 (16) 242 – 253, 2005.
- MATIAS, V.R.S. As relações entre Geografia, mediação pedagógica e desenvolvimento cognitivo: contribuições para a prática de ensino em Geografia. Caminhos de Geografia, 24 (17) 250 – 264, 2006.
- MAXIMIANO, L. A. Classificação de paisagem no norte de Campo Largo – Paraná, segundo sua condição socioambiental. Curitiba, 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná.
- PEREIRA, Aires José. Ensaios Geográficos e Interdisciplinaridade Poética. 6. ed. Rio de Janeiro: CBJE, 2020.
- PEREIRA, Aires José. Leituras de Paisagens Urbanas: Um estudo de Araguaína – TO. 2013. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: 2013.
- PEREIRA, Aires José. Tangará da Serra: Nova Fronteira Agrícola e sua urbanização. 4. ed. Rio de Janeiro: CBJE, 2021.
- ROSE, G. Teaching visualised geographies: towards a methodology for the interpretation of visual materials. Journal of Geography in Higher Education, 20 (3), 281 – 294, 1996.